

Tecendo poéticas feministas: crochê, bordado e poesia

Weaving feminist poetics: crochet,
embroidery and poetry

Tejiendo poéticas feministas: crochet,
bordado y poesía

Vanessa Cristina Dias¹

Júlia Petiz Porto²

Ursula Rosa da Silva³

1 Pesquisadora e bolsista CAPES vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação da UFPel. lattes: <http://lattes.cnpq.br/4896954410037934>. orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9579-7045>. email: vanessacristinadias@live.com

2 Bordadeira, artista visual e pesquisadora, vinculada ao Programa de Mestrado em Artes Visuais da UFPel. lattes: <http://lattes.cnpq.br/0557757819111542>. orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2341-4762>. email: juliaporto@gmail.com

3 É atualmente vice-reitora da UFPel e professora do PPGA/UFPel atuando na linha de Ensino da Arte e Educação Estética, doutora em Educação (UFPel/2009). lattes: <http://lattes.cnpq.br/2360365860775097>. orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0815-6942>. email: ursularsilva@gmail.com

RESUMO

O presente artigo apresenta o grupo “Caixa de Pandora: Estudos sobre Gênero, Arte e Memória” (CNPq), explorando suas ações extensionistas junto à comunidade, que buscam estabelecer diálogo sobre as violências e estereótipos de gênero, bem como alternativas feministas para viver e criar. As artes têxteis foram escolhidas pelo grupo como prática para as oficinas por estarem culturalmente associadas ao feminino desde o Renascimento, artes da artesanato que, contemporaneamente, têm encontrado grande valorização dentro das artes. Nessas oficinas, experimentamos, de maneira colaborativa, técnicas de crochê, tricô e bordado, pautando discussões de gênero a partir das experiências compartilhadas pelas participantes. Através das experimentações e discussões realizadas em oficina, buscamos desconstruir o cânone hegemonicamente patriarcal e europeu na arte e na literatura para enfatizar e destacar os corpos dissidentes.

PALAVRAS-CHAVE

Arte-Educação; Arte Contemporânea; Feminismos; Arte Têxtil; Oficina.

ABSTRACT

This article presents the group “Caixa de Pandora: Estudos sobre Gênero, Arte e Memória” (CNPq), exploring its extensionist actions within the community, which seek to establish a dialogue about gender violence and stereotypes, as well as feminist alternatives to live and create. Textile arts were chosen by the group as a practice for our workshops because they have been culturally associated with the feminine since the Renaissance, artisanship arts that, contemporarily, are finding great appreciation within the arts. In these workshops, we collaboratively experimented with crochet, knitting and embroidery techniques, guiding gender discussions based in the experiences shared by the participants. Through the experiments and discussions carried out in the workshop, we seek to deconstruct the hegemonically patriarchal and European canon in art and literature to emphasize and highlight the dissident bodies.

KEY-WORDS

Art-Education; Contemporary Art; Feminisms; Textile Art; Workshop.

RESUMEN

Este artículo presenta el grupo “Caixa de Pandora: Estudos sobre Gênero, Arte e Memória” (CNPq), explorando sus acciones de extensión junto a la comunidad, que buscan establecer un diálogo sobre las violencias y los estereotipos de género, así como alternativas feministas para vivir y crear. Las artes textiles fueron elegidas por el grupo como práctica para talleres porque han sido culturalmente asociadas con lo femenino desde el Renacimiento, artes de la artesanía que, contemporáneamente han encontrado gran aprecio dentro de las artes. En estos talleres, experimentamos de forma colaborativa las técnicas de crochet, tricot y bordado, guiando discusiones de género a partir de las experiencias compartidas por las participantes. A través de los experimentos y debates realizados en el taller, buscamos deconstruir el canon hegemónicamente patriarcal y europeo en el arte y la literatura para enfatizar y resaltar los cuerpos disidentes.

PALABRAS-CLAVE

Educación Artística; Arte Contemporáneo; Feminismo; Arte Textil; Taller.

Neste texto, relatamos nossas experiências promovidas durante o ano de 2022 pelo “Caixa de Pandora: Estudos sobre Gênero, Arte e Memória”, por meio do projeto de extensão “Tecendo poéticas feministas: crochê, bordado e poesia” (CNPq), que é o foco desse trabalho. O projeto surgiu no início de 2022, em função da vontade de retomar o contato social que, por praticamente dois anos, foi interrompido pelo vírus da covid-19. Após a liberação da circulação e da queda nos números de morte e contaminados na cidade de Pelotas – RS, ainda tomando os devidos cuidados, resolvemos agenciar o desejo pelo contato social que nos é tão caro.

Esse relato, com traços de colcha de retalhos, é motivado pelas pesquisas das participantes que problematizam a dominação cis masculina nos currículos dos cursos, nas referências estudadas e legítimas, em palestras e seminários, nas coletâneas de obras, entre outros. Na intenção de subverter esses espaços, buscamos acessar o pensamento feminista e os estudos de gênero e sexualidade, bem como documentos e textos de e sobre trabalhos de mulheres (cis e trans) artistas. Este é o viés deste texto, ético, feminista e ativista.

Pensando que, “narrar é inscrever-se, é constituir-se publicamente, dando visibilidade e sentido à própria vida, é existir” (RAGO, 2018, p. 140), a partir desse relato, socializamos nossas experiências, dando sentido a elas e às nossas próprias existências.

Memórias de Pandora

O grupo “Caixa de Pandora: Estudos sobre Gênero, Arte e Memória” é um coletivo de pesquisa feminista coordenado pelas professoras Ursula Rosa da Silva e Nádia da Cruz Senna, que reúne discentes e egressos da graduação e da pós-graduação da Universidade Federal de Pelotas. Atualmente, participam do grupo as alunas e pesquisadoras Aryane Barbado, Júlia Porto, Katiane Ferreira da Silva, Larissa Schip, Pâmela Fogaça, e Vanessa Cristina Dias. Além das professoras Caroline Leal Bonilha, Larissa Patron, Thays Tonin e Rosângela Fachel. Já fizeram parte pesquisadoras como Alice Braz, Angélica Daiello, Bárbara Cezanno, Luana Arriche, Priscila Mont-Serrat, Mariana Leal da Silva, Mariane Simões, Marta Bottini dos Santos, Milena Sire, Rafaela Inácio, Rebecca Correa, Tais Galindo entre outras.

O que começou como um projeto de pesquisa em 2006, vinculando artes e filosofia, promovendo eventos que uniam as duas áreas do conhecimento na busca por focalizar os protagonismos de mulheres artistas e filósofas e trazer à tona suas histórias e produções, passou recentemente a ter um direcionamento extensionista, orientado pela vontade do grupo de gerar diálogos com a comunidade não acadêmica sobre os feminismos.

O grupo, denominado num primeiro momento como “Caixa de Pandora: Mulheres artistas e filósofas” (CNPq), com o passar dos anos, novas pesquisas e desdobramentos, passa a se intitular “Caixa de Pandora: Estudos sobre gênero, arte

e memória". A partir disso, passou a estabelecer com maior frequência e enfoque, diálogos com a comunidade, realizando ações em escolas, museus, associações e espaços informais. Essas experiências vêm nos proporcionando encontrar diferentes grupos como crianças, jovens, mulheres, artistas, aposentadas, asiladas, professoras, entre outras.

O movimento extensionista do grupo se orientou às demandas de pesquisa e da própria comunidade, a fim de experienciar outras formas de construir e partilhar os saberes, ativando diálogos, afetos e buscando provocar atitudes críticas e para a liberdade. Assim impulsionadas, desde 2016 já promovemos rodas de conversa, oficinas de arte, ações performáticas, ensaios fotográficos, rodas de bordado e crochê, entre outras atividades que unem a poética, o ensino, num compromisso ético e político frente às nossas realidades.

Ainda assim, empenhamos nossas pesquisas individuais e coletivas e realizamos eventos acadêmicos, nossa intenção é aliar teoria e prática e criar diálogos profícuos entre a universidade e a comunidade. Durante a pandemia, perante a impossibilidade de realizarmos atividades presenciais, desenvolvemos um circuito de *lives* no nosso canal no YouTube⁴, chamado 'Abraços de Pandora: diálogos de artistas e pesquisadoras', em edição mensal, foram transmitidas cinco *lives*. O encontro inaugural ficou intitulado como 'Abraços de Pandora: artistas e pesquisadoras em tempos de pandemia', sendo o encontro no qual contamos brevemente a história do grupo e as propostas de ações para o contexto da pandemia da covid-19 e do isolamento social, nossos planos e projetos por vir. Os outros encontros articularam as pesquisas de uma integrante e uma ex-integrante do grupo, fazendo circular suas pesquisas, trocar conhecimento e socializar.

Outro exemplo é o Simpósio Internacional de Gênero, Arte e Memória, que, a cada dois anos promove palestras, grupos de trabalhos, oficinas e exposições, esse evento se instaura como lugar de debate e interlocução em circuito ampliado. Ainda em 2022, teremos a sétima edição, trabalhando as temáticas, trazendo pesquisadoras como Caroline Leal Bonilha, Cláudia Mariza Mattos Brandão, Daniela Rosendo, Lucia Caminada, María Fernanda Piderit, Maria Fonseca Flakemback, Paula Daniela Bianchi, Paula Ivette Pegueros Vidal, Roberta Barros, Rosângela Fachel Medeiros, Silvia Elizalde, Talita Trizoli, Tatiana Cardoso da Silva, Thays Tonin, entre outras.

O SIGAM – Simpósio Internacional Gênero, Arte e Memória, organizado pelo Grupo de Pesquisa Caixa de Pandora do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, está previsto para ocorrer de 21 a 23 de novembro de 2022 (Figura 1). O evento que nesta edição será híbrido, com atividades presenciais e remotas, evoca a Esperança como potência e prática de resistência, com intenção de refletir sobre o momento atual da Terra, assolada por um modo de vida insustentável, com excessos de toda ordem que ameaçam a sobrevivência das espécies, das comunidades, a nossa própria existência. Porque é preciso reativar a conexão com a natureza que é parte de nós, força geratriz, alteridade e transformação, convocamos a comunidade

4 Canal do YouTube: <<https://www.youtube.com/channel/UC-vGZqz60leKE5I9k8IKzNw>>.

acadêmica e interessada para praticar a esperança, experimentar a inquietação criativa, reforçar posturas crítico-reflexivas, existências e re-existências. A esperança preservada por Pandora é a confiança de que é possível alcançar aquilo que se deseja. A esperança é uma abertura, para o futuro, para outras experimentações, possibilitando aprendizados, partilhas, para no coletivo construirmos alternativas.



Fig. 1: Cartaz VII SIGAM, 2022. Fonte: Acervo do grupo.

O SIGAM surgiu em 2008, a partir da constatação de que, naquele momento, os eventos que aconteciam no Brasil, com a temática de gênero, não tinham espaço para grupos temáticos relacionados às artes especificamente. Então, pensamos que abrir um evento que relacionasse as artes com gênero e que pudesse ter espaço para apresentação de pesquisas nossas e de outros grupos que estavam surgindo. As palestras e comunicações, como pesquisas recentes e emergentes no tema, foram, desde então, publicadas em anais, livros eletrônicos e/ou dossiês, que propiciam ecos e movimentos de pesquisa para as docentes e discentes, buscando intercambiar e divulgar os trabalhos de pesquisa que são desenvolvidos pelo grupo. Nesse sentido, todas as nossas ações são alicerçadas em epistemologias feministas, decoloniais e queer na busca desmantelar silenciamentos, violências e opressões.

Crítica Feminista na Cultura e na Arte

A crítica feminista nas artes é inaugurada a partir da memorável pergunta “Por que não existiram grandes mulheres artistas?” articulada pela historiadora Linda Nochlin em 1971. Seu questionamento revelou que o “gênio” na história da arte é um mito. A tal “genialidade” era tida “como um poder atemporal e misterioso, de alguma maneira incorporado à pessoa do Grande Artista”, que era sempre um homem cis (NOCHLIN, 2016, p. 14).

A historiadora Whitney Chadwick, seguiu na mesma linha de Nochlin explicitando como as mulheres artistas, além de excluídas dos ideais de “originalidade, intencionalidade e transcendência”, isto é, da genialidade do “Grande Artista”, foram historicamente “isoladas com frequência dos centros de teoria artística e dos postos de educadoras” (CHADWICK, 1999, p. 10-11). O que significa dizer que os saberes transmitidos pelas mulheres não eram institucionalizados, e validados. À mulher era negado o acesso ao conhecimento, tanto na aprendizagem quanto no ensino.

A historiadora brasileira Ana Paula Simioni (2008), exemplifica como o gênero da pintura no Brasil foi privilégio cis masculino pois, eram os homens podiam acessar as aulas de modelo nu, acesso vetado às mulheres “por ser considerado imoral”. Sem poderem acessar as aulas, que eram essenciais ao fazer artístico da pintura:

(...) as mulheres foram relegadas a toda sorte de pinturas vistas como ‘menores’, as quais não exigiam o completo domínio da representação do corpo humano e, também demandavam menos preparo físico e intelectual. De sorte que se montava um círculo vicioso: as artes menores passavam a ser vistas como adequadas às inábeis mulheres e, toda a arte feita por mulheres, era colocada entre aspas, rotulada como menor. (SIMIONI, 2008, p. 110)

A historiadora Roszika Parker demonstrou como a divisão entre arte e artesanato aconteceu não só pela questão de classe, mas também em função de uma questão de gênero, já que o artesanato era bastante difundido entre as mulheres. (PARKER, 2019). A partir do Renascimento, através dos escritos dos pensadores renascentistas, produções como as diferentes formas de arte têxtil e a cerâmica foram caracterizadas como um trabalho meramente manual, diferente das “grandes artes”:

Tal distinção pautava-se por um padrão de habilidade técnica proveniente das grandes artes, a partir desse momento definidas como todas aquelas baseadas no desenho: a pintura, a escultura e a arquitetura. Por trás dessas afirmações, havia um projeto: elevar as artes ao nível das atividades então denominadas liberais, caracterizadas por sua natureza eminentemente intelectual. Nesse sentido, o desenho passava a exercer uma função chave de mediação, era interpretado como uma atividade concebida no cérebro e executada pelas mãos, fruto, assim, de uma ação mental. Era este o ponto que separava as “grandes artes”, ou “artes puras”, das outras modalidades, doravante consideradas inferiores, e associadas ao artesanato, termo que adquiriu, então, um sentido negativo. O termo passou a compreender as produções coletivas de caráter estritamente manual; seus produtores eram vistos como destituídos de capacidades intelectuais superiores, tratava-se de simples executores, muito longe, portanto, da imagem do artista enquanto criador que emergia nos discursos vasarianos. (SIMIONI, 2010, p. 4)

Esse círculo vicioso revela em parte o porquê o artesanato, ou melhor, as artes têxteis, terem sido historicamente desvalorizadas no sistema das artes, tidas como produções “menores”.

Essa desvalorização se vincula, segundo Simioni (2010), a um “fenômeno que transcende questões estilísticas, colocando-se em um terreno mais amplo, de injunções

políticas e de hierarquias construídas socialmente, a saber, o de sua feminização” (SIMIONI, 2010, p. 3). A feminização e o bordado foram temas de investigação para Parker (2019), que em seus estudos, mostrou como o conceito de feminilidade se desenvolveu em concomitância às práticas de bordado, isto é, bordado e feminilidade se tornaram inextricavelmente associados, a fim de estereotipar quem realizasse a prática (PARKER, p. 96, 2019).

Buscando desconstruir o cânone, hegemônico, patriarcal e europeu na arte e na literatura para dar visibilidade aos corpos dissidentes, destacamos a importância de se trabalhar com as artes têxteis (como o tricô, o crochê, a costura e o bordado), são inspirações para nós, artistas como Ana Paula Geiger, Rosana Paulino, Nazareth Pacheco, Regina Gomide Graz, entre outros/as/es. Também entendemos como importante, em nossas oficinas, fazermos leituras de autoras mulheres, principalmente.

Ao retomarmos tais práticas, no contexto contemporâneo, ativamos percepções sobre o cotidiano, que podem derrubar preconceitos e propor reviravoltas simbólicas, enfatizando que os saberes têxteis, tido como femininos e, por isso, menosprezados, foram socialmente construídos dessa forma. Assim, damos segmento à prática das artistas e pensadoras feministas que vêm há décadas tecendo críticas a ideias presentes no chamado “senso comum” que colocam a mulher em posição de subalternidade.

As noções que giram em torno do feminino como pejorativo provém do pensamento binário, que é o pensamento ideológico normatizado da nossa cultura por meio da colonização europeia ocidental, que divide o mundo em categorias binárias distintas, opostas e hierárquicas, como: homem/mulher, cultura/natureza, mente/corpo, masculino/feminino, sujeito/objeto, razão/emoção, etc. em “dualismos de valor” (GAARD, 2011). Um modo de ver que privilegia o homem cis, hétero, branco, racional, inserido e produtor de cultura e, de preferência, empoderado financeiramente. Então, não só o feminino é subjugado, mas pessoas LGBTQ+, pessoas trans e não-binárias de gênero, indígenas, quilombolas, entre tantos outros.

Dessa forma, entendemos que se torna necessário realizar um movimento de desaprender e re-aprender (MALDONADO-TORRES, 2013, p. 12), partindo do instituído para saberes subalternizados, que reivindicamos e consideramos válidos e importantes. Tomamos uma posição ética e política contestadora “a respeito do que pode ter vigência como conhecimento racional” (HARAWAY, 2009, p. 27).

Muitas feministas já demonstraram como os binarismos, ou “dualismos metafísicos ocidentais” são falaciosos (HARAWAY, 2009), assim como a importante crítica da cultura, bell hooks (2018) que chamou a atenção para a divisão entre mente e corpo na sala de aula, que tinha como ideia a “descorporificação” das pessoas que ensinam, permitindo que paixões e prazeres fossem anulados na sala de aula. Por isso, nos colocamos como corporificadas, favoráveis e engajadas com os conhecimentos situados, “contra várias formas de postulados de conhecimento não localizáveis” ou hegemônicos pois, “há grande valor em definir a possibilidade de ver a partir da periferia e dos abismos” (HARAWAY, 2009, p. 22).

Para nós do Caixa de Pandora, a construção de saberes se dá na experiência, há um constante diálogo com a vida, na qual não existem oposições binárias que

“hierarquizam teoria e prática, pensamento e ação”, corpo e mente (RAGO, 2018, p. 31). Em nossas propostas, alicerçadas nos pensamentos feministas, decoloniais e queer reconhecemos a legitimidade de uma pedagogia que ousa subverter os binarismos, para que possamos “ser inteiras” em qualquer ambiente que adentramos e, conseqüentemente, “de coração inteiro” (HOOKS, 2000, p. 115).

Microações Político-Pedagógicas

O projeto Tecendo poéticas feministas: crochê, bordado e poesia, decorre de práticas e reflexões experimentadas com grupos diferenciados em espaços de partilha, onde retomamos saberes e fazeres, associados ao feminino, como o bordado, a costura, o crochê, o desenho, a poesia, a roda de leituras e conversas. Nesse projeto reativamos as oficinas em intercâmbio com outros grupos e a comunidade interessada, para articular conhecimentos em torno de fazeres artesanais, poéticas artísticas e pensamento feminista. O espaço da oficina potencializa a experimentação, instaura o diálogo e desafia os grupos a refletirem sobre o espaço da mulher no mundo e na arte, visibilizando protagonistas e produções, que ensaiam outras formas de percepção e modos de expressar, ultrapassando cerceamentos e hierarquias, para acolher, incluir e transformar.

Enquanto oficinas, entendemos nosso papel como artistas propositivas, que convidam outras mulheres a adentrarem um processo de criação colaborativo, e como educadoras, que buscam por compartilhar pesquisas sobre arte e gênero com a comunidade não universitária.

As proposições acontecem sem uma estrutura pré-fixada, nas quais estabelecemos relações horizontais com as participantes na intenção de construir juntas saberes e processos artísticos coletivos, pautados pelo encontro entre as pessoas presentes naquele momento. Desta forma, cada oficina é única, pois se constitui pelo que cada participante trás de si para a oficina, percebendo cada pessoa com suas particularidades e acompanhando suas necessidades específicas, como postula bell hooks (2013).

São oficinas pensadas para acontecer de maneira descentralizada da figura de um mestre ou professor: nos sentamos de modo a formar um círculo único, ou nos separamos em pequenos grupos à volta de algumas mesas, conforme o que o ambiente proporcionar, sempre nos misturando com o público da oficina. O ensino-aprendizagem se dá através de conversas atravessadas pela contação de histórias, de maneira informal e espontânea e, muitas vezes, as participantes atuam também como professoras, mostrando para as outras aquilo que acabaram de aprender ou seus conhecimentos prévios.

Utilizamos como estratégias metodológicas a criação de espaços de diálogo e afeto, abrindo espaço para que cada participante traga para o coletivo suas experiências de vida e busquemos apontar e desconstruir estereótipos de gênero e valores misóginos, racistas e LGBT+fóbicos encontrados no nosso dia a dia. Por

meio dessa partilha, tecemos redes que possibilitam outras formas de pensar, criar e viver, para além da lógica patriarcal. As proposições artísticas vivenciadas nas oficinas “(...) favorecem, naqueles que se dispõem a experimentá-las, o acesso à sua própria potência de criação e à eventual ativação do trabalho para dela reapropriar-se (...)” (ROLNIK, 2017, p. 49).

A nossa primeira oficina (Figuras 2 e 3), contemplada no projeto “Tecendo poéticas feministas”, aconteceu dia 07 de maio de 2022 e foi realizada no prédio da Comunidade Beneficente Tradicional de Terreiro (CBTT), localizado na Rua 38 n.107, bairro Jardim Europa. Nesse centro desenvolvem o Projeto Ori que consiste em um projeto social que atende a comunidade em muitas necessidades, desde campanha para alimentos, roupas, até um apoio emocional e espiritual. O espaço da comunidade comporta uma biblioteca, um terreiro, salas para aulas em turno inverso, e oferecem lanches aos participantes.



Fig. 2: Oficina com as integrantes do Projeto Ori, 2022. Fonte: Acervo do grupo.



Fig. 3: Oficina com as integrantes do Projeto Ori, 2022. Fonte: Acervo do grupo.

Nessa oficina, fizemos duas rodas, uma em cada mesa, e praticamos o bordado, o crochê e a costura. Durante a ação, histórias foram contadas, memórias e imaginários se materializaram nos artefatos. Fomos, de alguma forma, tecendo costuras entre nossas experiências. São nesses momentos que colocamos em prática o “cultivo feminista” (MIRANDA, 2018, p. 236), que se dá no exercício da escuta, na troca de saberes e afetos. Trata-se de uma prática educativa em diálogo com a pedagogia queer que se coloca “desde la a-normalidad y para les a-normales, que pretende el análisis de opresiones, que cuestiona la diversidad como otredad” e que compreende a educação como um processo sensível (SÁINZ, 2019, p. 58).

Valorizamos as artes têxteis como saber popular, que se mantém a guardar memórias. Oficinas como essa, abrem espaço, para o exercício da oralidade, que por meio de conversas, cria uma atmosfera de intimidade, na qual podemos falar das violências que sofremos e de nossos atos de estratégia e resistência. Relatos que possivelmente sejam mais difíceis de encontrar em espaços mais institucionais, ou formais.

A segunda oficina que realizamos (Figuras 4 e 5), aconteceu ainda em maio, no dia 19, porém em um local totalmente diferente, fomos para o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), localizado no centro histórico de Pelotas, em frente ao Mercado Público Municipal. O Museu é o espaço onde ocorrem exposições, e para além disso, trabalhos de pesquisa, ações educativas com escolas, e ações de mediação para a participação da comunidade de modo geral. Trata-se de um museu universitário, característica que dá a importância deste espaço, para além do turismo pois, é um lugar de formação de público para a arte.

A professora Dra. Helene Sacco, coordenadora do grupo Lugares-livro (UFPel), participou desse encontro. Ela realizou a leitura do livro “A Moça Tecelã” (2004) da Marina Colasanti. Enquanto ouvíamos sua voz calma e doce, tricotávamos e crochetávamos, costurando a história com as memórias de nossas vivências. O livro fala sobre uma moça que vai construindo, por meio da tecelagem, sua própria vida e história. Sua vida ia muito bem até o momento em que se sente sozinha e sai em busca de companhia. A companhia é um marido, que ela tece com carinho. Com o tempo, o marido passa a exigir cada vez mais da moça, a ponto de ela passar os dias tecelando para responder às demandas dele. Infeliz, a moça desfaz tudo aquilo que já não fazia mais sentido, retomando a vida só.

As costuras feitas entre a história da moça tecelã e as mulheres presentes, partiram de pontos de vista e vivências diferentes, passando por temas como a falta, a solidão, a ganância, o doar-se e relacionamento abusivo. Foi realizada uma troca muito interessante, pois o texto tem um jogo simbólico de palavras que tem muito a ver com a prática da oficina. Fomos tecendo manualmente e ao mesmo tempo, fomos tecendo nossas relações e experiências por meio da oralidade.



Fig. 4 e 5: Oficina aberta a comunidade no MALG, 2022. Fonte: Acervo do grupo.

Outra leitura aconteceu nesse mesmo dia no MALG, em que Marta Bottini dos Santos, ex-integrante do grupo, nos relatou sobre o projeto social que realizava com mulheres vítimas de violência em Pelotas, a proposta consistia na escrita de cartas e poemas. Esse projeto engatilhou o livro que Marta trouxe para o encontro, seu livro

autoral recém-lançado, intitulado “Relicário de Palavras”. Após contar sobre o projeto e a relação de troca que tinha com as mulheres, Marta nos leu o poema “Memórias” que foi escrito inspirado nos encontros que realizava e traz lembranças de sua mãe, a memória de um armário e as louças, que nunca eram usadas esperando por visitas ou por um momento especial. Leitura que trouxe lágrimas aos seus olhos, reverberando muita emoção e acolhimento entre todas as pessoas presentes.

Fizemos dessa oficina “el lugar del hacer práctico-teórico y, sin duda, político-pedagógico, de las esperanzas (esperanzares) pequeñas” (WALSH, 2017, p. 36), um esperançar que foi cultivado em nós.

A terceira oficina que realizamos aconteceu dia 21 de junho de 2022, após a retomada do nosso calendário acadêmico. A oficina foi realizada no Centro de Artes da UFPel com as cuidadoras da Associação de pais e amigos de jovens e adultos com deficiência (APAJAD). Durante o encontro (Figura 6), refletimos sobre o cuidado: do outro, de si, da casa, das relações e do meio-ambiente. Conversamos sobre como o trabalho de cuidar, muitas vezes, é visto como uma tarefa feminina, sendo também desvalorizado e mal pago.



Fig. 6: Oficina com integrantes da APAJAD, 2022. Fonte: Acervo do grupo.

A educadora Luciene Silva (2006), nos explica o processo de “sublimação” que acontece com pessoas com deficiência na nossa sociedade. Por vezes essas pessoas são impossibilitadas de se constituírem como sujeitos de si. A elas “são atribuídas qualidades especiais que tornam natural a sua condição de “pessoa deficiente” e, muito em função de preconceitos infundados, não lhes atribuem “necessidades cognitivas, de interações sociais ou de aprendizagem” (SILVA, 2006, p. 5). Daí a importância de adentrarmos esses ambientes e tomarmos contato com as pessoas com deficiência e as pessoas que cuidam das pessoas com deficiência, sem comportamentos e olhares de piedade ou de estranhamento. O nosso encontro foi de empoderamento das mulheres cuidadoras, tão fortes por encarar o cuidado de seus filhos como uma missão de amor, mas mais do que isso, lutam por seus direitos junto à sociedade e que tenham espaços para se desenvolverem, fazerem amigos e encontrarem a felicidade. Mais do que tudo, ver seus filhos felizes é o que as deixa tranquilas de estarem no caminho certo.

Não corroboramos com o assimilacionismo que quer integrar as pessoas que são entendidas como “os outros”, “anormais”, ou quaisquer conceituação que os represente como abjetos, monstruosos e dissidentes de gênero diante dos valores hegemônicos e seus códigos normativos, pelo contrário, queremos empoderar as várias realidades humanas, valorizamos os “saberes localizados” “parciais, localizáveis, críticos, apoiados na possibilidade de redes de conexão, chamadas de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia” (HARAWAY, 2009, p. 23). Isso porque a socióloga e professora Patrícia Hill Collins afirma que “uma maneira de desumanizar uma pessoa ou um grupo é negar-lhes a realidade de suas experiências” (COLLINS, 2015, p. 26).

Ao entrarmos em contato com o fazer individual e comunitário, adentramos um caminho importante para contribuirmos como artistas-cidadãs feministas, em que realizamos movimentos de arte-educação em diálogo com um feminismo interseccional, que busca identificar as diferentes opressões presente nos nossos cotidianos para propor estratégias de enfrentamento dessas desigualdades (GUIMARÃES-SILVA; PILAR, 2020).

Através das oficinas ofertadas à comunidade, compartilhamos processos próprios de nossas pesquisas e fazeres artísticos com outras pessoas, flexibilizando as noções de artista e público e, também, de professora e aluna, de modo a diluir barreiras entre saberes. Ao propor que todas as participantes tragam para o encontro suas experiências de vida e saberes prévios, praticamos uma forma de compartilhar conhecimentos que servem “para a criação de condições nas quais as mulheres possam ter voz, possam se ver como produtoras de conhecimento e apreciar sua experiência de aprendizado enquanto mulheres” (SARDENBERG, 2011, p. 25). Criando oportunidades de partilha e escuta, fundamos espaços de sororidade que permitem outros percursos de criação artística colaborativa, que conjugam questões feministas plurais como metodologia encarnada.

Nas conversas estabelecidas em oficina, tecemos críticas e abrimos brechas nos sistemas androcêntricos e patriarcais e buscamos alternativas às epistemologias hegemônicas vigentes dentro dos espaços que ocupamos como professoras, pesquisadoras e artistas (MIRANDA, 2018).

No ambiente de intimidade e proximidade que muitas vezes conseguimos criar, buscamos de forma micropolítica, romper as fronteiras entre o público e o privado, isto é, entre nossas vidas como pesquisadoras e/ou discentes e nossos cotidianos, amizades, sentires; enfrentar os regimes de verdades dogmáticas, da história oficial, masculina e universal, e escrever a nossa própria história, que tem caráter provisório e desnorteador. Nossas ações podem ser entendidas como uma “militância menor” (RAGO, 2018, p. 194 apud DELEUZE E GUATARRI, 1997), “menor” entendido como o que “escapa ao hegemônico, que não se deixa apreender pelas codificações normativas e pelas formas biopolíticas de controle e do corpo e da subjetividade” (RAGO, 2018, p. 194).

Encorajamos que as participantes compartilhem memórias, histórias, e vivências, bem como conhecimentos prévios relacionados às artes têxteis e à poesia. Também ficam livres para trocarem ou presentear alguém com seus trabalhos produzidos durante a oficina, o que aconteceu diversas vezes. Como nos pautamos pelas experiências, ensinamos e aprendemos de maneira simultânea e interligada. A cada encontro aprendemos pontos de bordado, de crochê, e outras maneiras de executar uma técnica, também adquirimos novas referências de artistas e escritoras.

Seguiremos com nossas ações. O projeto tem previsão até fim do 2023, mas sempre vai se renovando, à medida que tivermos estudantes, professores e técnicos da UFPel que queiram participar. Ações que buscam a emancipação, a construção de subjetividade, a união entre mulheres, conjurando sororidade e dororidade, conforme escrevemos em exercício coletivo (2020):

Encontro de mulheres me traz a lembrança de conversas carregadas de experiências pessoais, que nos faz lembrar das nossas histórias, mostra também o companheirismo de ouvir umas às outras. Encontros esses que podem ser numa cozinha, roda de tricô ou na universidade. Conectadas por um interesse comum, criamos um elo de apoio. Apoio esse que serve para nos lembrar que não estamos sozinhas (CAIXA DE PANDORA, 2020).

Referências

CAIXA DE PANDORA. **Vozes de Mulheres**. Videoarte. Edição: Luana Arrieche. Acervo do grupo. Pelotas, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h0w-P84OLOQ&list=PLIOD7PXWifdqMnJL8Al1mUcH4XbcLTQKj&index=2>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

CHADWICK, Whitney. **Mujer, Arte y Sociedad**. 2. ed. Barcelona: Ediciones Destino, 1999.

COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata (org.). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. Coleção Cadernos Sempre Viva. São Paulo: SOF, 2015, p. 13-42.

GAARD, Greta Claire. Rumo ao ecofeminismo queer. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 197, jan. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100015>>. Acesso em: 16 out. 2021.

GUIMARÃES-SILVA, Pâmela; PILAR, Olívia. A potencialidade do conceito de interseccionalidade. In: MESQUITA, Carolina; ESTEVES, Juliana; LIPOVETSKY, Nathália (org.). **Feminismo & Dívida. Nápoli**: La Città del Sole, vol. 1, ed. 1, 2020, p. 53-70.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: 02 ago. 2022.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. Eros, erotismo e processo pedagógico. In: LOURO, Guacira. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2000, p. 113-124.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A Modo de Comentario Inicial. In: WALSH, Catherine (org.). **Pedagogias Decoloniales**: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Ediciones Abya-Yala, Quito-Ecuador, 2013, p.11-13.

MIRANDA, Maria Brígida de. Colcha de Memórias: Epistemologias Feministas nos Estudos das Artes da Cena. Urdimento - **Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 33, p. 231-248, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573103332018231>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** Tradução de Juliana Vacaro. São Paulo: Edições Aurora, 2016. Disponível em: <<http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

PARKER, Roszika. A criação da feminilidade. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda. MESQUITA, André (org.). **História das mulheres, histórias feministas**: antologia. São Paulo: MASP, vol. 2, 2019, p. 95-109.

RAGO, Margareth. **A Aventura de contar-se. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Editora da Unicamp: Campinas, 2018.

ROLNIK, Suely. O saber-do-corpo nas práticas curatoriais. Driblando o inconsciente colonialcapitalístico. In: ALBUQUERQUE, Fernanda. MOTTA, Gabriela (org.). **Curadoria em artes visuais**: um panorama histórico e prospectivo. São Paulo: Santander Cultural, 2017, p. 47-76.

SÁINZ, Mercedes Sánchez. **Pedagogías Queer. ¿Nos Arriesgamos a hacer otra educación?** Madri: Editora Catarata, 2019.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Considerações introdutórias às pedagogias feministas.

In: COSTA, Ana Alice Alcantara; TEXEIRA, Alexnaldo; VANIN, Iole Macedo. (org.). **Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais**. Salvador: UFBA - NEIM, 2011, p. 17-32.

SILVA, Luciene Maria da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, p. 424-434, set/dez, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000300004>>. Acesso em: 18 out. 2021.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. Proa: **Revista de Antropologia e Arte**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/proa/article/view/2375>. Acesso em: 02 ago. 2022.

WALSH, Catherine. Gritos, grietas y siembras de vida: entretejer de lo pedagógico y lo decolonial. In: WALSH, Catherine (org.). **Pedagogias Decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo II. Ediciones Abya-Yala, Quito-Ecuador, 2017, p. 17-48.

Submissão: 27/10/2022

Aprovação: 20/11/2022